
Marina Motter Gastaldi

*Lingeries Dulmar, 37 anos:
Uma história familiar.*

RELATÓRIO

Trabalho de conclusão do curso de jornalismo
da Universidade Federal de Santa Catarina
desenvolvido sob a supervisão do Professor
Francisco José Castilhos Karam

Maio de 2002

A primeira escolha que fiz para o tema do trabalho de conclusão de curso foi a imigração polonesa no norte de Santa Catarina. Como a notei que a pesquisa seria muito extensa, resolvi restringi-la aos três principais redutos de descendentes dessa cultura naquela região: a comunidade do Rio Vermelho, em São Bento do Sul; Bateias de Baixo na cidade de Campo Alegre; e o bairro de Alto Paraguaçu em Itaiópolis.

No final de agosto, já durante o período de greve, tive contato com inúmeras fontes por telefone e fiz a primeira viagem rumo ao norte do estado. Apesar de me interessar pelo assunto, alguns contratemplos fizeram com que desistisse desse tema. O primeiro foi o longo período de greve que impediu, um maior contato com os professores e com o curso. Depois, mesmo tomando a iniciativa de fazer as primeiras entrevistas, vi que, não conseguiria reunir uma grande quantidade de material para tornar o trabalho consistente no prazo de um semestre. As fontes, geralmente pessoas de idade, eram vagas em seus relatos e lembranças; muitos documentos estavam perdidos ou mal organizados; e as comunidades ficavam em locais de difícil acesso fora da cidade (tive que subir morros e ir alguns quilômetros por estradas de barro).

Então, me vi perdida com todo o material que havia recolhido nas mãos. Entreguei os papéis, e as entrevistas para a Sociedade Polônia de Florianópolis e resolvi que deveria mudar o assunto do trabalho.

Teria que ser algo menos extenso e complexo que o tema anterior e que, tivesse uma abrangência restrita, já que a greve só acabou em fevereiro. E restariam apenas três meses para concluir o trabalho.

O tema só foi decidido depois do telefonema de Fábio Forschner, um parente de Rio do Sul, sobrinho da dona da Dulmar, que mostrou interesse em ter documentada a história da empresa, já que muito foi perdido nas enchentes da região e outro tanto na memória dos que testemunharam o crescimento da fábrica.

Quando o convite me foi feito, na metade de fevereiro, achei que o tema se encaixava nas exigências do prazo. Mas Fábio só pode me atender duas semanas depois. O trabalho ficou definido como uma grande reportagem de cunho institucional, o que direcionou o meu caminho. Com o foco da reportagem esclarecido e o tempo se esgotando, optei por fazer três viagens a Rio do Sul: a primeira para conhecer a fábrica, arrecadar o máximo de informações possíveis e fazer uma pauta bastante abrangente; a segunda para acompanhar o funcionamento da empresa e entrevistar os personagens principais da história; e a terceira para tirar alguma dúvida, pegar mais informações e tirar fotos.

A princípio, mesmo tendo que mostrar apenas um dos lados da fábrica, me propus a entrevistar várias fontes, entre empregados e funcionários, mas como o meu tempo, tanto em Rio do Sul, quanto para terminar o trabalho era escasso, me concentrei em entrevistas de longo fôlego feitas com as fontes oficiais da Dulmar. Que, para a minha surpresa, se mostraram abertas com relação aos problemas enfrentados pela fábrica. O que me estimulou a escrever mais extensamente sobre esse assunto, porém, não de forma muito incisiva.